

O ÍNDIO NA ESCOLA DO WARADZU: OS XAVANTE DE NOVA XAVANTINA/MT

THE INDIAN IN WARADZU'S SCHOOL:
THE XAVANTE OF NOVA XAVANTINA/MT



Vol. 10 Número Especial

jan./jun.2015

p. 469 - 481

Natália Araújo Oliveira ¹

RESUMO: Atualmente indígenas no espaço urbano é uma constante, tanto em pequenas cidades quanto em grandes metrópoles e, nesse contexto, há os que entendem essa migração para o espaço urbano como uma perda da identidade étnica dos grupos indígenas. Todavia, essa visão evolucionista não percebe que a apropriação que os indígenas fazem do espaço urbano revela uma maneira de ser índio, porém no contexto citadino. Assim, ao migrar para as cidades, os indígenas buscam conhecimentos, direitos, estudos e cidadania. E com o intuito de contribuir com o campo de estudo que analisa essa migração, a presente pesquisa tem como foco crianças e adolescentes estudantes da etnia Xavante, residentes na cidade de Nova Xavantina, Mato Grosso. O objetivo central é compreender a afirmação da identidade Xavante após a migração para a cidade, no contexto escolar. Para tanto, foi realizada uma pesquisa etnográfica em duas escolas estaduais da cidade, usando como técnica para a coleta de dados observação participante, entrevistas semiestruturadas, entrevistas de grupo focal, diálogos informais e análise de documentos. Os dados foram coletados nos anos de 2009 e 2010 e foram entrevistadas 10 crianças/adolescentes com idade entre 10 e 17 anos. Como resultado a pesquisa reiterou a premissa que considera que estar em contato com o branco não torna o Xavante menos indígena, pois seus vínculos étnicos e a valorização aos seus costumes têm continuidade no espaço urbano. Mais que isso, na cidade a identidade Xavante é reafirmada e o contexto escolar se mostra como um espaço importante para se obter conhecimentos que auxiliem nas estratégias de defesa da sua etnia.

PALAVRAS-CHAVE: Xavante; cidade; escola.

ABSTRACT: Currently indigenous on the urban space is a constant, both in small towns and in large cities and, in this context some people understand that migration to urban space as a loss of

¹ Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
natalia.oliveira@ufrgs.br

ethnic identity of indigenous groups. However, this evolutionary view does not realize that the appropriation that indigenous do from urban space reveals a way of being Indian in the city context. Thus, when they migrate to the cities, the indigenous seek for knowledge, rights, studies and citizenship. And in order to contribute to the field of study that examines this migration, this research focuses on Xavante's children and teenagers' students, residents in Nova Xavantina, Mato Grosso. The main objective is to understand the statement of Xavante identity after migration to the city, in the school context. For this purpose, an ethnographic study was conducted in two public schools in the city, using as a technique for collecting data participant observation, semi-structured interviews, focus group interviews, informal conversations and document analysis. Data were collected in the years 2009 and 2010 and were interviewed 10 children / teenagers aged 10 to 17 years. As a result the research reiterated the premise that considers to be in contact with the white does not make the Xavante less indigenous, because their ethnic ties and appreciation to their customs have continuity in the urban space. More than that, in the city the Xavante identity is reaffirmed and the school context shows as an important place to obtain knowledge that helps in the defense of their ethnic.

KEYWORDS: Xavante; city; school.

Introdução

Dos 817.963 indígenas que existem no Brasil, 315.180 vivem em cidades (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2011). Esse dado mostra que índios em contexto citadino é uma realidade no país, tanto em grandes centros quanto em cidades interioranas e essa presença de indígenas em espaços urbanos suscita inúmeros discursos preconceituosos. Tais discursos põem o indígena como um ser estagnado no espaço e no tempo, que deve permanecer no meio da mata e que, quando migra para as cidades, deixa de ser índio. Tal pensamento evolucionista, que entende o indígena como um ser atrasado, suscita a assimilação desses como o único fim possível. Contudo, a cidade pode ser espaço de autoafirmação do indígena, um local no qual se enxerga uma oportunidade para luta por reconhecimento, estudos, direitos e cidadania.

Buscando estudar esses indígenas que migram para cidades, o presente artigo tem como objetivo compreender as formas de afirmação da identidade indígena dos que estão na cidade para estudar, tendo como foco crianças e adolescentes da etnia Xavante residentes na cidade de Nova Xavantina, Mato Grosso. Essa é uma pequena cidade localizada no leste do Mato Grosso, possui 19.643 habitantes (IBGE, 2010) e conta com a presença constante de indígenas dessa etnia em seu espaço citadino, apesar de não responder juridicamente por nenhuma aldeia (as aldeias Xavante próximas são de responsabilidade dos municípios de Campinápolis - que fica a 70 quilômetros de Nova Xavantina – e de Canarana -, que fica a 180 quilômetros da cidade foco dessa pesquisa). Diferentes motivos levam os Xavante a estabelecer residência na cidade e, nesse trabalho, o enfoque é dado aos que migram para estudar.

Para a realização desse estudo foi utilizado como método de pesquisa a etnografia, tendo como técnica para a coleta de dados a observação participante, além de entrevistas semiestruturadas, entrevistas de grupo focal, diálogos informais e análise de documentos. Os dados foram coletados nos anos de 2009 e 2010 e foram entrevistadas 10 crianças/adolescentes indígenas em duas escolas estaduais do município, com idade entre 10 e 17 anos. Além disso, estabeleceu-se diálogo com demais membros da comunidade escolar (servidores e professores) e com alguns pais das crianças/adolescentes indígenas.

Estudo dos indígenas que residem no espaço urbano

Cronologicamente o estudo sobre os indígenas que moram em cidades teve início em 1968 no Brasil, com Roberto Cardoso de Oliveira, que analisou os indígenas Terena residentes em Campo Grande e Aquidauna, atualmente Mato Grosso do Sul. Posteriormente quatro dissertações de mestrado foram defendidas na década de 1980 sobre essa temática (ROMANO, 1982; LAZARIN, 1981; FÍGOLI, 1982; PENTEADO, 1980, sendo as três primeiras orientadas pelo próprio Roberto Cardoso) e, após essa etapa, a temática foi esquecida pela antropologia, retornando nos anos 2000.

O pensamento das ciências sociais ocidental contemporâneo ao livro de Cardoso de Oliveira era o de que a urbanização daria fim as culturas locais, como aconteceu no início da Europa moderna. A própria natureza da cidade, como organismo social complexo, iria tornar as pessoas utilitárias, secularizadas, individualizadas e destribalizadas. Esta era a visão do progresso e a tendência do *continuum folk-urbano* de Robert Redfield (1953) (SAHLINS b, 1997). Por essa teoria os indígenas citadinos iriam inevitavelmente se integrar a sociedade envolvente e perder suas características ao migrar para o mundo urbano.

O trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira, *Urbanização e Tribalismo* (1968), buscou mostrar que, na cidade, há certas estruturas que permanecem, tais como as relacionadas aos padrões de organização familiar, enquanto outras são profundamente alteradas. Como afirma Nunes (2010), em um período em que a ideia de aculturação era vigente, Cardoso de Oliveira possibilitou pensar nos indígenas das cidades e das aldeias como iguais e legitimamente índios.

Nesse percalço, os trabalhos de Romano (1982), Lazarin (1981) e Fígoli (1982) surgiram analisando indígenas em Manaus. Como resultado concluíram que na cidade os indígenas “incorporam” o estigma sofrido pela sociedade envolvente e, desse modo, as representações sociais depreciativas e condicionadas pelo contato interétnico influenciaram nas práticas econômicas, sociais e políticas vigentes, marginalizando os indígenas (MELO, 2009). De acordo com Paladino (2006), os trabalhos de Roberto Cardoso de Oliveira, Romano e Fígoli, tratam o processo de migração para o indígena como um fenômeno grupal que parece culminar na inserção definitiva em uma nova estrutura econômica e social.

A partir dos anos 2000 a temática se reatualiza, com trabalhos analisando indígenas em Belém (PONTE, 2009), Manaus (MELO, 2009), Boa Vista (SOUZA, 2009), São Gabriel da Cachoeira (LASMAR, 2005) entre outros. Nessas pesquisas novas abordagens agregam ao trabalho iniciado por Cardoso de Oliveira, buscando compreender o contato interétnico além de relações de dominação e sujeição dos índios por parte da sociedade envolvente (MELO, 2009). Nesse sentido, muda-se a perspectiva dualista entre cidade e aldeia, no qual esses dois mundos não se opõem e sim estão em contínua interação. Ademais, como pontuou Barth (1988, p. 188), as “(...) as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos”. Ou seja, o contato interétnico não pode ser colocado como uma direção inevitável à desagregação e ao término das culturas indígenas.

Essas novas vertentes, compartilhadas nessa pesquisa, buscam superar a premissa que aponta a migração para a cidade como uma ruptura dos vínculos étnicos e rejeição aos seus valores, compreendendo que o espaço urbano é reinterpretado pelo indígena seguindo seus próprios caminhos, recriando-se e reinventando uma identidade própria que resulta nas formas de ser índio na cidade.

Quem são os índios xavante?

Os Xavante migraram para a região do rio das Mortes, onde se localiza Nova

Xavantina, entre 1820 e 1870, fugindo das investidas dos brancos. Entretanto, esse contato tornou-se inevitável em virtude da integração da região Centro-Oeste à economia nacional durante o governo de Getúlio Vargas.

Os primeiros contatos entre Xavante e os não índios foram bastante sangrentos, ocorrendo muitas mortes de brancos, como em 1934, quando os padres João Fughes e Pedro Sagilotti foram mortos a bordunadas e em 1941, quando um grupo de homens enviados pelo Serviço de Proteção ao Índio também foi dizimado. Porém, com o desenvolvimento dos projetos governamentais para ocupação do Centro-Oeste, o contato foi estabelecido a partir de 1946. De acordo com os Xavante, foram eles que pacificaram os brancos e tal constatação por parte desses indígenas revela como eles se veem perante a sociedade envolvente, desde a pacificação até os dias de hoje, ou seja, para os Xavante, eles foram os agentes de contato e assim todas as ações partem deles, isto é, os Xavante escolhem que caminho seguir, o que fazer e quando fazer (FERNANDES, 2005).

A migração para a cidade

Os motivos que levam os Xavante a cidade, de acordo com pesquisa realizada por França (2000) e corroborada anteriormente (OLIVEIRA, 2010), são: trabalho, estudo, acompanhamento dos que estudam, tratamento de saúde, receber pensão ou aposentadoria e ainda resolver questões judiciais, pois a cidade possui comarca. Tais motivos de migração se assemelham aos encontrados em outras pesquisas que estudam os indígenas no espaço citadino. Nesta pesquisa se relata a vivência na cidade dos Xavante que estudam assim como de alguns pais que estão na cidade para acompanhar crianças que estudam.

Diferentemente dos Terêna estudados por Cardoso de Oliveira (1968), para os Xavante, migrar para a cidade não é visto como uma mudança definitiva e sair da aldeia não é mudar de vida. Sair da aldeia, para eles, implica somente um deslocamento espacial temporário, visto que o objetivo maior é voltar para a aldeia e aplicar o conhecimento apreendido com a sociedade não indígena. Assim, essa mudança não resulta em perda de vínculos com o grupo de parentesco. Tal resultado se assemelha ao encontrado por Paladino (2006) junto ao Ticuna e por Ponte (2009) ao estudar diferentes etnias em Belém.

Entretanto, morar na cidade não significa necessariamente gostar de permanecer ali. Sobre o assunto, afirma um dos indígenas entrevistados: “não gosto muito [de morar na cidade], me dá vontade de voltar pra aldeia assim sabe, por causa assim, aqui eu tenho menos volume de vida, tenho ansiedade, tenho menos liberdade (...)”. Há ainda os que afirmam que é difícil morar na cidade porque:

não é a área onde a gente habita sabe, onde você não tem família, onde que você não tem pai e mãe todo o dia (...). Mudamos da aldeia por um motivo, estudar né, aí a gente passa saudade, passa necessidade sabe. Mas fazer amizade até que faz, mas não muitos, porque discrimina sabe. Aí então assim, a gente tem menos liberdade que os outros aqui.

Por este depoimento se percebe que a formação escolar para os Xavante no espaço citadino é visto como um período de luta e sofrimento, que deve ser enfrentado a fim de proporcionar conhecimento ao Xavante. Este sofrimento também foi relatado pelos Ticuna para Paladino (2006).

As mães que moram na cidade para acompanhar os filhos estudantes afirmaram que precisam ter força de vontade para permanecer, pois a cidade “é quente, não tem árvore na sala, não tem bicho” tal como na aldeia. Os estudantes indígenas também sentem falta desse contato com a natureza e nos primeiros dias de aula não compreendem por que não podem sair da sala para respirar, pois se sentem sufocados. Os Ticuna também tiveram reações semelhantes quanto à dificuldade de ficar sentado passivamente durante horas,

tendo que copiar a matéria do quadro negro e, deste modo, Paladino (2006) ouviu reclamações quanto a dores de cabeça, de vista, entre outros. Além disso, a autora também se deparou com muitas reclamações quanto às dificuldades linguísticas dos indígenas perante a língua nacional, sendo este um dos grandes desafios a ser vencido, também para os Xavante.

Quanto a este comportamento inquieto, considerado inadequado nas escolas não indígenas, Rosa (2008) afirma que os alunos indígenas ganham o status de indisciplinados a partir de conceitos elaborados pela sociedade não indígena. Todavia, prossegue a autora, esses alunos não sabem o que é indisciplinado por não conhecerem previamente este significado em sua cultura. Sendo assim, reitera-se a necessidade de políticas educacionais voltadas para a compreensão do diferente.

Os Xavante relataram que se acostumaram a morar na cidade, mas a aldeia é a preferida, pois o retorno a aldeia é uma volta às origens, é um momento em que as energias são renovadas e as tradições reforçadas, o que é realizado sempre em momentos de rituais nas aldeias assim como nas férias dos alunos. Como comenta um indígena que mora na cidade, “nas férias a gente volta pra aldeia, no caso é de seis em seis meses a gente está na aldeia sabe. O motivo da nossa saída de lá é estudar, se não fosse a gente estava ainda lá”. Sobre o assunto, França (2000) afirma que viver em território branco, para os Xavante, é ao mesmo tempo aprender o código dos brancos e continuar afirmando sua identidade xavante. E um modo de externar essa identidade é, conforme afirmou um indígena, “usar pauzinho na orelha, é cortar o cabelo do nosso jeito (...) quando deixa de cortá é porque não vai mais voltá pra aldeia” (FRANÇA, 2000). Esse voltar à aldeia simboliza um retorno à própria cultura, uma afirmação da sua identidade indígena. Conforme destaca França (2000, p.75), “é para lá [a aldeia] que deve retornar todo Xavante que pretende dar continuidade ao seu padrão cultural. Xavante, então, é aquele que embora participe do cotidiano citadino, volta para a aldeia”.

Entre os Terêna estudados por Cardoso de Oliveira (1968), a migração pra cidade representava uma radical separação entre a velha e a nova vida. Entretanto, essa separação não significa uma desvinculação da comunidade de origem, na qual o Terêna deixava os parentes e seu lote de terra. Assim, enquanto o Terêna não possuísse seu próprio lote na cidade, suas relações com a aldeia continuavam de maneira periódica, por meio de visitas, que tinham o objetivo de verificar o estado em que o lote se encontrava. Outra etnia com costumes similares são os Baré, que, após anos habitando a cidade, dificilmente retornam às suas aldeias ou comunidades de origem e, quando o fazem, costumam propagar a ideia de que a vida na cidade é o tipo ideal. Já para os Xavante a migração para a cidade não possui um status de afastamento tal como para as outras etnias citadas. Seu retorno é periódico e ocorre em diferentes momentos, como férias escolares ou festas rituais (como para participar da corrida de tora de buriti e do ritual de furação de orelha, entre outros).

Entre os Baré a migração para a cidade é marcada por ser individual e estar ligada especialmente a procura de emprego em Manaus. Já os Terêna costumam migrar com toda a família para os espaços urbanos. Diferente dessas duas etnias, nas famílias xavante, normalmente, apenas alguns membros mudam para o espaço citadino, mas para que essa migração ocorra, em especial no que se refere aos estudos, é necessário que:

- Os pais queiram que a criança estude na cidade (para esta possibilidade a opinião da criança não é levada em consideração);
- A criança queira estudar na cidade (se os pais não quiserem, a Fundação Nacional do Índio - Funai - intervém para convencê-los).

Vale destacar que em algumas aldeias existem escolas que oferecem educação infantil de 1º a 4º série e em outras começa a ser oferecido o ensino a partir da 5º série,

contudo, como afirma Frozi (2006), a alfabetização na aldeia é considerada fraca. É importante destacar que estudar na cidade é uma tarefa árdua devido ao idioma, visto que o ensino na aldeia é na língua Jê, enquanto na cidade se frequenta a escola regular, e, ainda de acordo com Frozi (2006), as escolas da cidade não estão devidamente aptas para atender esse grupo cultural, visto que seus projetos políticos-pedagógicos não preveem o atendimento desse grupo minoritário, resumindo-se ao plano de atendimento dos grupos culturais dominantes.

O que a escola dos *waradzu* significa para os xavante

A pesquisa revelou que a escola, como instituição do “mundo branco”, ocupa simbolicamente lugar de destaque como maneira de se obter conhecimentos externos a serem incorporados e socializados internamente. Assim, há grande valorização da educação escolar por parte dos Xavante, com ênfase na formação (sob orientação dos mais velhos) de jovens preparados intelectualmente para interlocução com os não índios, resultado análogo ao encontrado por Silva (2002) em indígenas aldeados da mesma etnia e por Rosa (2008) na cidade de Barra do Garças/MT.

Rosa (2008) comenta que a estratégia dos Xavante em enviar os jovens para estudar na escola de brancos na cidade não deve ser visto sob a ótica da perda cultural, mas sim como uma capacidade de atualização dos sistemas culturais indígenas sob um contexto interétnico, como uma maneira de manutenção da identidade cultural e como um modo dos indígenas assumirem o controle da estrutura institucional na qual estão inseridos.

Sobre a visão do Xavante quanto ao estudo, Garfield (2001) comenta que os indígenas desta etnia busca reelaborar as relações de dominação a ser favor e, para tanto, desenvolveram um considerável repertório político (vale lembrar que o único deputado federal indígena do Brasil era um Xavante – Juruna) além de se preparem por meio da educação, que representa uma maneira de diminuir as desvantagens diante dos brancos, sempre dentro da identidade e da sociedade Xavante.

Entre os Xavante, migrar para a cidade para estudar representa principalmente a possibilidade de estudar e ter uma profissão. Como conta um dos indígenas entrevistados, “se Deus iluminar o nosso caminho prefiro terminar o meu estudo e fazer uma faculdade pra parte administrativa”. Seu intuito é fazer uma faculdade de administração para trabalhar na Associação Indígena de sua família, que tem como atividade “ajudar o povo da aldeia na roça, na nutrição, na saúde, fazer palestras sobre DST, AIDS, como se previne etc.”. Outro indígena entrevistado comenta que seu objetivo também é estudar e um dia cursar medicina. Quando perguntado sobre o porquê do curso de medicina, a resposta está na ponta da língua: “porque lá na aldeia precisa”. Tais falas mostram que o estudo representa, aos indígenas entrevistados, a possibilidade de avançar para um curso superior e, conseqüentemente, defender sua nação Xavante.

O indígena entrevistado acima comentou sobre estudar para participar de uma associação que a família possui e, quanto à organização de indígenas em associações, Baines (2001) explica que, com a Constituição de 1988, após o reconhecimento dos direitos indígenas, ocorreu uma mobilização indígena sem precedentes, que resultou na criação de dezenas de organizações indígenas. Assim, um número crescente de líderes indígenas migrrou e está migrando para as cidades para participar destes movimentos, que buscam atender as necessidades dos indígenas, seja para os que vivem na aldeia ou na cidade. É válido lembrar, como pontuou Barth (1998) que a participação dos indígenas na política não lhes retira seu caráter étnico. Além disso, continua o autor, os movimentos políticos indígenas constituem novas maneiras de se fazer com que as diferenças culturais sejam organizacionalmente relevantes.

Todavia, antes de formar associações ou tornar-se profissional de qualquer área é preciso vencer a primeira dificuldade encontrada ao estudar em uma escola não indígena, o idioma. Dominar o português é essencial nesse contexto assim como em todas as situações de interlocução com o não índio. É a partir dessa apropriação da língua não nativa que o Xavante poderá se articular e se representar. Porém, mais que aprender o português, é necessário compreender o mundo do não indígena e usar esse conhecimento a seu favor. Assim, além do conhecimento do português, os Xavante citadinos também utilizam e se apropriam da conhecimento científico e tecnológico do não índio em prol da sua etnia (assim como nas aldeias, tal como mostrado por Silva, 2002).

Deste modo, durante a pesquisa de campo se ouviu relatos de DJ's Xavante, de vídeos produzidos e divulgados nas redes sociais, enfim, a tecnologia é utilizada para fins de registro da memória e das práticas rituais, objetivando a transmissão de sua cultura, assim como a produção de bens culturais para consumo em mercados nacionais e internacionais. Esta utilização da tecnologia para a celebração da memória Xavante mostra como a memória coletiva é importante para a consciência étnica de um grupo (LOVISOLO, 1989). Revela também que o contato interétnico não mutilou a identidade Xavante, pelo contrário, apresentou-lhe novos elementos que foram incorporados e (re)elaborados. Em outros termos, como afirma Ponte (2009) os indígenas citadinos que buscam a manutenção da sua cultura, englobam a ordem global em suas próprias ordens cosmológicas.

Sobre esse assunto, é válido o comentário de Cohn (2001) quando afirma que os Xavante têm conseguido visibilidade na mídia por meio de combinações de uma ênfase na tradição, assim como inovações na divulgação de suas tradições. Desta maneira, a inovação na comunicação com o exterior e nas relações interétnicas é utilizada para exibir sua indianidade por meio da divulgação de sua tradição e cultura continuadas (COHN, 2001). Os Xavante buscam um ponto de equilíbrio no qual seja possível usufruir os benefícios vindos do homem branco sem deixar de ser Xavante, sem perder a memória coletiva de seu grupo, isto é, sua identidade.

As crianças e adolescentes xavante na escola dos *wardzu*

A criança xavante, depois de um tempo frequentando a escola dos não indígenas, compreende o código cultural escolar do branco e entende que as regras devem ser seguidas. Assim foi possível, durante a pesquisa, ouvir que “na escola a gente mesmo se comporta como gente ‘normal’” e que eles (Xavante) “seguem as regras da escola direito”. As regras culturais que organizam socialmente o comportamento dos que frequentam a escola são seguidas pelas crianças indígenas e também pelos adolescentes que, após certo tempo frequentando a escola dos brancos, compreendem que códigos são esses que norteiam a socialização e o aprendizado na escola e, para não terem problemas disciplinares, tentam, a seu modo, seguir as regras que norteiam aquele espaço.

Por meio da observação se percebeu que a tendência dos Xavante na escola, é unir-se, dentro da sala de aula e também na hora do intervalo. Desse modo, salas que contam com muitos alunos Xavante possuem uma fila só de indígenas e na hora do intervalo eles são vistos sempre juntos, no pátio da escola ou dentro de sala. Sobre esse momento do intervalo eles dizem que “a gente conversa também [na hora do intervalo] e entra tudo junto na sala”. A justificativa para esse comportamento é colocada por eles mesmos: “a gente mesmo não mistura com os brancos não, vive mais assim mesmo, na hora da briga, na hora não da briga”.

A fala do indígena entrevistado revela a separação dos brancos que, pela fala dele, é uma rejeição que não necessariamente parte da criança branca, ou seja, os Xavante, dentro do contexto escolar, também decidem se apartar dos colegas não indígenas, mesmo nos momentos em que não há tensão latentes, ou, como na fala do entrevista, na hora da não

briga. Essa separação voluntária acontece principalmente por meio da língua nativa, no qual os indígenas fazem questão de separar qualquer *outsider*.

É interessante que na escola onde há um número maior de crianças ou adolescentes Xavante ocorre também uma divisão de sexos entre esses, pois no intervalo as moças permanecem de um lado e rapazes do outro. Essa observação revela o seguimento da tradição Xavante dentro da escola, pois muitos destes rapazes estão passando por uma fase na qual não devem ter contato com o sexo oposto, estão na fase da Casa dos Solteiros.

Todavia, há momentos em que essa regra é descumprida em virtude dos acontecimentos ocorridos na escola, nos quais essa aproximação é inevitável. Como exemplo, citam-se os ensaios de dança de quadrilha para festas juninas observados na pesquisa. Nesses, os pares formados eram de moças e rapazes Xavante, havendo uma miscigenação pelo fato de ter sobrado uma moça xavante sem par. Entretanto, a separação imposta pelos Xavante ocorre assim que o ensaio termina e os pares se dispersam.

Esse período de frequentar a casa dos solteiros quando estão na aldeia é repleto de ensinamentos essenciais aos valores Xavante. Contudo, também é repleto de responsabilidades e restrições, que devem ser seguidas tanto na aldeia quanto na cidade. Como relata um indígena, neste período “já não tem aquela liberdade de sentar, falar (...) você tem que ser mais fechado”. Outro indígena complementa a informação ao lembrar que neste período não se pode gritar, brigar e nem tocar em mulheres. Sendo assim, como é a dinâmica de relacionamento entre os meninos e meninas no âmbito escolar da sociedade não indígena?

Contam os meninos Xavante que muitas de suas atitudes são incompreendidas e geram desentendimentos. Para exemplificar vale à pena narrar uma história ouvida. Conta o indígena Pedro que, certa vez, uma colega de sala veio cumprimentá-lo e para isso estendeu a mão. Ele, como não pode tocar em mulheres, não a atendeu. Ela, então, disse que aquela atitude era falta de educação e, ele, como não pode esbravejar nem brigar nesse período, somente disse que não podia tocá-la e saiu de perto, gerando incompreensão por parte da moça não indígena.

Outro momento, esse observado, ocorreu em uma aula de geografia no laboratório de informática. Nessa aula, a professora reclamou com o aluno indígena para que ele saísse do computador e revezasse com o colega. Ele, por sua vez, se sentiu injustiçado quanto à reclamação, pois era a sua vez de utilizar o equipamento, todavia, como não pode gritar nem brigar, simplesmente saiu da sala. Passado certo tempo que estava fora, uma aluna veio trazer um recado da professora, perguntando se ele queria lanchar. Ele disse que não e pediu para a aluna dizer à professora que ele estava bravo com ela. Perguntado sobre o porquê de ele mesmo não dizer isto à professora, o menino respondeu que não podia fazê-lo porque está passando por uma fase (casa dos solteiros) em que não pode brigar com ninguém. Comentou, ainda, que muitas pessoas falam para ele que guardar esse tipo de sentimento para si é ruim, todavia, ele aprendeu em sua cultura que neste momento da vida não se pode esbravejar com ninguém. Dessa maneira, ele não vai descumprir as regras culturais de sua sociedade, isto é, reclamar diretamente com a professora, mas vai fazer chegar o recado de que não gostou da situação.

E quando a convivência é entre uma moça indígena e um rapaz indígena que está frequentando a casa dos solteiros na aldeia? Pedro explica que, para evitar infringir as regras, fala com ela somente coisas indispensáveis e, caso ela peça uma borracha na sala de aula, por exemplo, ele empurra a borracha de lado e ela pega depois.

Este debate sobre o comportamento das crianças e dos adolescentes que estão frequentando a casa dos solteiros na aldeia é importante por que revela uma organização da sociedade xavante no espaço citadino e mostra ainda a discussão sobre a continuidade das tradições indígenas em outro espaço senão o da aldeia. Desse modo, por mais que busquem

manter um mesmo padrão de organização e comportamento familiar que exista na aldeia, esse é mudado ou adaptado na cidade. Assim, os meninos adolescentes que deveriam morar apenas com outros rapazes não podem fazê-lo na cidade em virtude das acomodações utilizadas Logo, como um Xavante comenta, “aqui na cidade algumas coisas tem que ser seguidas de maneira diferente”, o que não quer dizer que não sejam seguidas. Pode ser que haja adaptações, mas a tradição sempre deve ser professada entre os que se orgulham e as mantêm. Porém, isso não quer dizer que todos os Xavante citadinos a sigam. Sendo assim, o grande questionamento é: quando o Xavante não segue a tradição na cidade, o que acontece? E como anciões residentes na aldeia descobrem o que acontece no espaço urbano? Para os Xavante isto é muito simples, não há necessidade de ninguém contar pois,

os anciões sabem, se é uma coisa nossa, não tem segredo. A atitude da pessoa fala e mostra (...) o jeito que a pessoa se comporta. Os anciões, só de ver eles sabem como é que ele está, como é que ele foi, como é que ele passou. Quando ele [a pessoa que não respeitou as tradições] for pra aldeia eles acertam com ele lá, não precisa ninguém falar pra cá.

Logo, não é necessário delatores acerca da continuidade ou não da cultura xavante na cidade, pois o próprio indígena, ao voltar à aldeia, revela, por meio de seus gestos, o não seguimento de suas tradições. Esse desvio pode ser notado a partir da diferenciação física, como um corte social de cabelo ou o não uso de botoque, assim como da diferenciação do comportamento, se o Xavante se portar semelhante ao branco. Essas características normalmente vêm acompanhadas do não retorno à aldeia, sendo este espaço o ápice representativo de retorno à própria cultura, a afirmação de sua identidade. Dessa maneira, o Xavante que participa do cotidiano da cidade e que quer dar continuidade ao seu padrão cultural sempre retorna a aldeia, como coloca França (2000).

O ambiente escolar não traz muitas diferenciações do citadino quanto à necessidade do seguimento das tradições indígenas. Como comentou um dos entrevistados, qualquer lugar que se frequente fora da aldeia não possibilita esquecer as tradições, pois “nossa tradição é primitiva”. Essas tradições são passadas dos pais aos filhos e, como visto anteriormente, podem ser adequadas, quando necessário, ao espaço citadino. Acerca dessas remodelações da cultura xavante, Silva (1998) salienta que a história dos Xavante deixa evidente a enorme capacidade destes indígenas em responder aos fatores externos, realizando rearranjos que visem preservar sua sociedade.

Voltando ao ambiente estreitamente escolar, que obviamente não está desvinculado do citadino, se perguntou como os indígenas se comportavam na hora do intervalo, se andavam somente na companhia de outros indígenas ou se ficavam em companhia dos colegas brancos. As respostas obtidas, em sua maioria, afirmavam que eles se misturavam aos colegas brancos e que não andavam só em companhia dos outros Xavante, todavia, a observação cotidiana nessas escolas revelou que, apesar de ocorrer, sim, um contato entre brancos e Xavante na hora do intervalo, são efêmeros, sendo maior o contato entre os próprios Xavante.

Já fora da escola os relatos revelaram que os Xavante andam separados uns dos outros. Assim, o vínculo estabelecido na escola muitas vezes permanece só nesse ambiente, não sendo estendido ao mundo de fora. Isso acontece porque “cada família tem seu lar, igual aqui na cidade. A gente não tem como andar junto, nós também não temos ligação com os outros. Cada um vive no seu canto”. Deste modo, a dinâmica da aldeia é seguida também na cidade. Um motivo a mais para que isto aconteça está no fato dos trabalhos extra sala serem realizados dentro da escola, em horários alternativos que não sejam de aula. Dessa maneira, respostas como “quando é pra fazer trabalho vem aqui na escola” e “vem só na escola pra fazer trabalho (...), encontra na escola pra fazer trabalho”, foram ouvidas constantemente.

Entretanto, o fato de serem indígenas não assegura que os trabalhos de escola sejam realizados somente entre eles, pois os professores sempre realizam sorteios para decidir por quem serão compostos os grupos de trabalho. Desse modo, trabalhos escolares são feitos em grupos compostos por indígenas e não indígenas e, como relatado pelos Xavante, os trabalhos são feitos sem problemas de relacionamento. Porém, ao mesmo tempo em que relatam convivência tranquila com colegas brancos na escola, também revelam que são estigmatizados.

Essa fala sobre estigmatização apareceu no momento em que se perguntou sobre visitas à casa dos colegas brancos e visita dos colegas brancos à casa dos Xavante. Um dos entrevistados disse, sobre o assunto: “É tia, falando francamente, ele dizem: -Ah, eu não vou lá não porque a família dele é isso, eu tenho medo, vão me matar, fazer coisa mal comigo”. Entretanto, a recíproca também é verdadeira, tendo pais Xavante que não permitem a visita de colegas brancos de seus filhos. Assim, ouvi crianças Xavante afirmando: “meu pai não gosta de mulher branca”. Tal situação mostra uma diferenciação do relacionamento entre índios e não índios na escola e fora dela. Na escola a criança branca aprendeu que é necessário conviver com o indígena, independente se goste dele ou não. Já fora dela, as regras são outras e o diferente pode ser apartado, o indígena pode ser ignorado. Da mesma maneira, a sociedade indígena citadina também entende que não precisa conviver com o branco nos momentos que não acha pertinente.

Por mais que haja contatos amistosos entre colegas não índios e xavantes e, algumas vezes, até amizade, há sempre os momentos em que os Xavante escolhem se apartar dos demais, comunicar-se em sua própria língua. Esse fato foi observado diversas vezes no transcorrer da pesquisa. Esse comportamento acontece, segundo os Xavante pesquisados, “pra ninguém entender o que estamos conversando”, o que revela um recurso para afirmar a identidade Xavante e estabelecer um distanciamento dos demais grupos. Assim, os Xavantes se utilizam da língua como escolha tática e estratégica para se diferenciar da sociedade pluriétnica na qual estão inseridos.

Considerações finais

Estar em contato com o não índio não torna o Xavante menos indígena, pois os vínculos étnicos continuam assim como a valorização aos costumes próprios. Além disto, esses valores, na cidade, na constante interação com outro, costumam ser reafirmados, reelaborando-se as formas de ser índio no contexto citadino.

Mais que isso, esses indígenas entendem a cidade como espaço para luta por seus direitos e, para tanto, veem a necessidade de compreender a sociedade envolvente, mas a partir da sua perspectiva, incorporando o sistema mundial ao seu próprio mundo, ou, nos termos de Sahlins (1997a) indigenizando a modernidade.

E o espaço no qual os Xavante entendem que aprenderão a lutar por seus direitos e a entender a sociedade envolvente é a escola. Nela as crianças e adolescentes buscam incorporar à sua cultura o conhecimento não indígena que acreditam ser importante a sua cultura. Contudo, mesmo sendo um espaço com oportunidades de aprendizagem, a escola é um local que traz desafios, sendo o primeiro deles a língua. Concomitante a essa problemática, muitas outras surgem em virtude da diferenciação entre o mundo indígena e a sociedade envolvente, em especial a dificuldade para aprender o comportamento que se espera de uma criança e de um adolescente inseridos em um contexto escolar branco. Aprender a ficar quieto, sentado e parado, em espaço de puro concreto no qual você é o diferente, se mostra uma etapa essencial para os que estudam na cidade.

Continuar a profetizar as tradições indígenas no ambiente citadino e escolar obriga rearranjos criativos aos que buscam dar continuidade aos ensinamentos fora da aldeia. Deste

modo, se percebeu que mudar para a cidade é apenas ser índio em outro contexto, com diferentes elementos que são reelaborados e reincorporados ao sistema interétnico Xavante. Nesse sentido, é importante que os novos estudos que busquem compreender o indígena na cidade, apesar da complexidade do tema, tenham em mente a necessidade de se fugir de dicotomias que colocam em pontos opostos o “mundo dos brancos” do “mundo dos índios”, como se estes não pudessem se interligar sem resultar em perdas étnicas aos indígenas.

Notas

² Sobre a história dos Xavante, sabe-se que até início do século XIX eles viviam no norte de Goiás, entre o Tocantins e o Araguaia. Eles se declaram provenientes do grande mar, de onde teriam migrado em tempos imemoráveis para o interior do Brasil, rumo aos grandes planaltos.

³ Termo Xavante que significa homem branco.

⁴ A partir de certa idade, por volta dos sete anos, o jovem Xavante que mora na aldeia vai para a casa dos solteiros, denominada de Hö, local onde somente rapazes moram. Essa casa é construída para abrigá-los, sendo ligeiramente afastada do círculo de casas da aldeia (NUNES, 2002). Nesse local esses meninos participarão de cantos e danças, de caçadas coletivas e outras atividades grupais. Nesse período, os meninos vivem em grupos e devem se manter isolados do resto da comunidade, com exceção de seus pais, padrinhos e homens mais velhos, recebendo destes um treinamento específico de preparação para a vida adulta (NUNES, 2002; 2003). A casa dos solteiros é, “a pedra fundamental do sistema de classes de idade. [...]” (MAYBURY-LEWIS, 1974, p. 153). Somente a partir do momento que frequentam a casa dos solteiros é que os meninos são considerados membros da sociedade xavante. Até sua entrada na casa dos solteiros os meninos vivem uma vida despreocupada e alegre. Ao serem admitidos na casa, aprendem o companheirismo que caracteriza o sistema e supera distinções de clã e linhagem. Já as meninas, desde cedo, são imbuídas de responsabilidades, ajudando em casa logo que tenham capacidade física para fazê-lo (MAYBURY-LEWIS, 1974).

REFERÊNCIAS:

- BAINES, S. G. As chamadas “aldeias urbanas” ou índios na cidade. **Brasil Indígena**, 1., 2001. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/ultimas/artigos/revista_7.htm> Acesso em 10 jan. 2012.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo, UNESP, 1998, p. 188-227.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. C. **Urbanização e tribalismo**: a integração dos índios Terêna numa sociedade de classes. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- COHN, C. Culturas em transformação: os índios e a civilização. **São Paulo em perspectiva**, v.15, n.2, p. 36-42, 2001.
- FERNANDES, E. R. **Entre cosmologias, estratégias e performances**: incursões Xavante à Funai. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2005.
- FÍGOLI, L. H. G. **Identidad étnica y regional**. trajeto construtivo de uma identidade social. 1982. 244 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 1982.
- FRANÇA, M. S. C. de. **Xavantes, Pioneiros e Gaúchos**: relatos heroicos de uma história de exclusão em Nova Xavantina. 2000. 128 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós Graduação em Antropologia social, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2000.
- FROZI, V. L. **Inclusão ou exclusão**: o cenário da discriminação contra os Xavantes nas escolas públicas de Nova Xavantina/MT. 38f. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

- Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Nova Xavantina, MT, 2006.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010. Disponível: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=510625>>. Acesso em: 06 jan. 2012.
- GARFIELD, S. Indigenous struggle at the heart of Brazil: state policy, frontier expansion, and the Xavante Indians. Durham: Duke University Press, 2001.**
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2011. Disponível em: < <http://piib.socioambiental.org/pt/c/0/1/2/populacao-indigena-no-brasil>>. Acesso em: 06 jan. 2012.
- LASMAR, C. **De Volta ao Lago do Leite** – gênero e transformação no Alto Rio Negro. São Paulo: UNESP, 2005.
- LAZARIN, M. A. **A descida do Rio Purus: uma experiência de contato interétnico.** 1981. 152 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) 2000. 128 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós Graduação em Antropologia social, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 1981.
- LOVISOLO, H. A memória e a formação dos homens. **Estudos históricos**, v. 2, p.16-28, 1989.
- MAYBURY-LEWIS, D. **A sociedade Xavante**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.
- MELO, J. G. **Identidades fluídas: ser e perceber-se como Baré (Aruak) na Manaus Contemporânea.** 2009. 225 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2009.
- NUNES, A. **“Brincando de ser criança”:** contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da infância. 2003. 341 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2003.
- _____. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: SILVA, A. L. da; _____. MACEDO, A. V. L. da S. (Orgs.) **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**, São Paulo: Global, 2002.
- NUNES, E. S. “Aldeias urbanas ou cidades indígenas? Reflexões sobre índios e cidades”. **Espaço Ameríndio**, v.4, n.1, p. 9-30, 2010.
- OLIVEIRA, N. A. de. **Xavante, Pioneiros e Gaúchos: identidade e sociabilidade em Nova Xavantina/MT.** 2010. 189f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.
- PALADINO, M. **Estudar e experimentar na cidade: trajetórias sociais, escolarização e experiência urbana entre “Jovens” indígenas Ticuna, Amazonas.** 2006. 352 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2006.
- PENTEADO, Y. M. B. **A condição urbana: estudo de dois casos de inserção do índio na vida cotidiana.** 1980. 118 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia social, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 1980.
- PONTE, L. A. S. X. A população indígena da cidade de Belém, Pará: alguns modos de sociabilidade. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum**, v.4, n.2, p. 261-275, 2009.
- ROMANO, J. O. **Índios proletários em Manaus: o caso dos Sateré-Mawécitadinos.** 1982. 322 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia social, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 1982.
- ROSA, L. de M. **Encontros e desencontros entre os a'uwê uptabi e os waradzu no espaço urbano de Barra do Garças-MT.** 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2008.
- SAHLINS, M. “O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: porque a cultura não

é um “objeto” em via de extinção (Parte I)”. **Maná: estudos de Antropologia Social**, v.3, n. 1, p.41-73, 1997a.

SAHLINS, M. “O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte II)”. **Maná: estudos de Antropologia Social**, v.3, n. 1, p. 103-150, 1997b.

SILVA, A. L. da. Dois séculos e meio de história Xavante: In: CUNHA, M. C. da. (Org.) **História dos índios no Brasil**. 2 ed, São Paulo: Companhia das Letras, p. 357-378, 1998.

SILVA, A. L. da. “Pequenos “xamãs’: crianças indígenas, corporalidade e escolarização. In: In: _____; NUNES, A; MACEDO, A. V. L. da S. (Orgs.) **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, p. 37-63, 2002.

SOUZA, A. H. C. de. **População indígena de Boa Vista/RR: uma análise socioeconômica**. 2009. 115f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós Graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

Recebido em: 21/05/2014

Aprovado para publicação em: 25/08/2014